

Dívida Externa Degradação do crédito ao Brasil

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O crédito brasileiro em poder dos bancos comerciais foi novamente degradado ontem pelo comitê de agências intergovernamentais dos EUA que avalia riscos soberanos, ICERC (Inter Agency Country Exposure Risk Committee). Três bancos confirmaram que receberam a ordem de aumentar de 40 para 50% suas reservas contra empréstimos ao País.

(O diretor da área internacional do Banco Central, Arminio Fraga Neto, não tinha ontem à noite conhecimento da decisão do ICERC mas reagiu enfaticamente quando consultado por este jornal: "Se for verdade, recebo a notícia com perplexidade, porque fizemos um acordo com relação aos juros atrasados com os bancos e estamos com negociações em aberto com todas as frentes externas", disse ele à editora Maria Clara R. M. do Prado.)

Seu efeito imediato foi

uma queda de quase 1 ponto na cotação do principal título da dívida externa do país, MYDFA. O papel caiu de 25,75 com 26 centavos na terça-feira para 24,875 com 25,125 centavos ontem na mesa do Citibank.

Entre os efeitos que se seguem está o peso desses 10% de reservas extras no último balanço dos bancos dos EUA em 1991. Estima-se no comitê assessor de bancos para o País que os 10% a mais representam potencialmente US\$ 1,5 bilhão, dado que os bancos dos EUA são detentores de cerca de 35% (ou US\$ 15,1 bilhões) do estoque mencionado da dívida externa de médio prazo do Brasil (entre US\$ 43 bilhões e US\$ 44 bilhões).

"A reação não foi mais negativa porque nós estávamos esperando uma decisão ainda pior do ICERC", disse um vice-presidente de um grande banco credor do País ontem a este jornal. "A expectativa era de aumento das reservas de 40 para

60%", acrescentou. O ICERC já havia degradado o crédito brasileiro em sua reunião de março de 1991, elevando as reservas requeridas de 20 para 40%.

As estimativas de custos para os bancos são apenas tentativas, porque o nível de reservas já estabelecido por eles varia muito, desde 100%, no caso do JP Morgan, passando por 67,5%, no caso do Citibank, até menos que o total fixado pelo ICERC, no caso de bancos pequenos. Parte do prejuízo do Citibank no último trimestre veio do aumento de suas reservas contra empréstimos ao Brasil.

O ICERC não considera mais arriscados os empréstimos de bancos norte-americanos para países que fizeram o Plano Brady de redução da dívida. O nível de reservas que exige para México, Venezuela e Uruguai é igual a zero. O nível de reservas para empréstimos à Argentina, porém, é de 70%.

A decisão do ICERC mostra também que há uma diferença de percepção de risco entre o mercado e o governo dos EUA. Para o ICERC a Argentina é um risco maior que o Brasil. No mercado secundário, porém, o GRA da Argentina mantinha ontem 9 pontos acima dos MYDFA.

A renegociação da dívida brasileira com o comitê assessor de bancos deve recomeçar na primeira semana de dezembro. O negociador do País, Pedro Malan, evita comprometer-se, porém, com uma data formal. O que existe não é propriamente uma data, mas duas pré-condições.

Sua conversa com os banqueiros do comitê por telefone previu o reinício das negociações assim que a carta de intenções do Brasil (1) for entregue ao Fundo Monetário Internacional (FMI), e (2) for reconhecida como tal pelo diretor-gerente da instituição, Michel Camdessus.

O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, inicia no próximo domingo viagem de uma semana a três países do Cone Sul — Chile, Argentina e Uruguai — a convite dos governos desses países. Até ontem, o Brasil não constava do roteiro de Camdessus.

(Ver página 19)